

CEDI - P. I. B.
DATA 01, 10, 86
COD. ZUD01

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO  
REGIONAL NORTE I  
C.P. 984  
69000- Manaus-Amazonas

ÍNDIOS NOVOS

Relatório sobre o contato com os  
Índios do Coxodoã - Região do Purus  
Amazonas

Em setembro de 1978, um grupo do CIMI localizou uma tribo no alto Riozinho, rumo 285º de Lábrea. Logo depois foi realizada a primeira penetração por terra, atravessando a área dos Jamamadi até o Saborum, depois por água até levantar acampamento no igarapé Pretão, no Riozinho. Todas as informações recebidas durante a viagem coincidiram com a localização dos Índios do Coxodoã, como o povo ribeirinho os denomina. Estes Índios já tiveram contato com sorveiros no rio Piranhas, no igarapé Pretão, e por Adeni, filho de Adriano do Marecão e pelo Índio Banu que se aventuraram por um varadouro no igarapé do Índio, afluente do Coxodoã. Afirmam eles estarem os Índios interessados em terçados (saraçarã), em anzóis (cahili), na fruta de sorva (piê), não deixando ninguém entrar na maloca. O tuxaua comandaria o grupo com autoridade. Teriam o cabelo cortado em forma de cuia, usariam urucum e andariam totalmente nus. O tuxaua ainda usaria uma faixa preta pintada por cima do peito.

Como se verificou, as oito casas são redondas e altas, parecidas com aquelas que o antropólogo alemão Ehrenreich no século passado desenhou na tribo dos Jamamadi (Revista do Museu Paulista, N.S., vol. II, item Handbook of South American Indians, vol. III, part. 4: Tribes of the Juruá-Purus Basins, by Alfred Metreaux).

#### OS ÍNDIOS DO COXODOÃ SÃO OS MARIMÃ ?

Alfred Metreaux localiza os Índios arredios Marimã ao longo do Riozinho, afluente do rio Cuniuã. Igualmente os dois referidos relatórios do S.P.I. de 1930 e 1942 que acrescentavam ter morado entre os Mamori uma Índia Marimã. Nada se sabe a respeito da vida destes Índios. Observou-se no sobrevôo grandes áreas derrubadas, roças preparadas, e áreas cultivadas de mandioca, banana, pupunha, e muitas velhas capoeiras. Uma das casas estava em construção.

#### URGÊNCIA DE CONTATAÇÃO

A área dos Índios do Coxodoã é rica em sorva, portanto explorada por sorveiros que ali percorrem os igarapés em busca do precioso látex. O Riozinho é explorado pelos madeireiros de Manaus que pelo sistema de aviamento fornecem a pequenos associados mercadorias e material para agüentar a barra pesada de uma vida desumana. Já houve contato em que os Índios se apoderaram de terçados e machados. Sem contatação planejada, correm os Índios o risco de serem extintos por surtos de epidemias (gripe, sarampo, varíola), além de sofrerem outros tipos de violências físicas e culturais da parte do sistema de exploração.

No dia 8 de maio de 1980 um grupo de indigenistas da Prelazia de Lábrea-Am teve o primeiro contato com uma tribo de Índios desconhecidos no igarapé Pretão, afluente do Riozinho, na área do médio Cuniuã.

Localizada a tribo no mês de outubro de 1978, por ocasião de um levantamento aéreo, os indigenistas tentaram imediatamente entrar em contato por terra com este grupo (a primeira penetração foi realizada ainda no mês de outubro de 1978). Foi feita uma pesquisa na área do médio Cuniuã e do Riozinho e verificou-se a necessidade de um contato urgente devido à exploração de sorva na terra dos Índios e a constante ameaça de contatos não-pacíficos com a população envolvente.

#### CONTATOS ANTERIORES

Por diversas vezes, homens armados avançaram até perto das malocas a fim de explorar a região e extrair o látex da sorva. No igarapé Pretão, um grupo de sorveiros de Canutama sob a chefia de Tinha foi expulso pelos Índios no mês de março de 1978, sendo desarmado e desapropriado de machados, terçados e anzóis. Em seguida o comerciante Chico Severo tentou empreender uma nova empreitada, recrutando homens armados para limpar a área. Ao mesmo tempo, pelo igarapé do Coxodoã, outro grupo de sorveiros armados com doze espingardas sob a chefia de Adenir, filho de Adriano, "pacificador" dos Deni no Marecão, alto Cuniuã, penetrou num varadouro dos Índios, sofrendo a mesma sorte que seus companheiros, sendo desarmado e expulso. Todos os moradores falam desta área rica em sorva, esperando o dia de amansar os Índios para poder "produzir".

#### Iª EXPEDIÇÃO

No mês de outubro de 1979 iniciou-se a primeira expedição, formada de quatro elementos que atuam na Pastoral Indigenista da Prelazia de Lábrea. Foi feito um tapiri perto da Boca do Pretão e aberto um varadouro em direção à maloca. Depois foi explorada a área que foi fotografada no sobrevôo no ano anterior.

## II.<sup>a</sup> EXPEDIÇÃO

A segunda expedição iniciou-se no mês de março de 1980. Desta vez penetraram pelo Igarapé Pretão, onde no mês de janeiro de 1980 ocorreu a expulsão de um grupo de sorveiros. Logo foram encontrados sinais de antigos acampamentos dos índios e foi descoberto o varadouro. Avançou-se, então, até chegar na primeira roça e logo em seguida na primeira maloca, que estava sem sinal de vida. Uma semana depois voltaram até a primeira maloca e logo perceberam que os índios tinham andado por lá. Continuaram a caminhada até a segunda maloca e ali escutaram vozes de crianças que corriam. Deixaram dois terçados, um machado e uns colares de outros índios como presente e se retiraram para o acampamento. No dia seguinte, pelas oito horas vieram 40 guerreiros que cercaram o acampamento, enquanto uns entraram sob a proteção de flechas da retaguarda. A equipe entregou como presente dois terçados e quatro machados. Os índios ofereceram cana-de-açúcar. Aceitaram farinha e bolacha que comiam de bom gosto. Mandaram que os membros da equipe tirassem a roupa e cortaram seus cabelos. Na oportunidade foi gravada uma fita e foram tiradas fotografias.

Um dos membros da equipe sofreu uma emboscada, tendo sido ameaçado com flechas mas logo se percebeu que eram provas de coragem ou testes para ver se os homens brancos eram pacíficos. Embora não tenha havido hostilidade de ambas as partes, o contato foi carregado de tensão, pois não se sabia o que poderia acontecer.

Este primeiro contato durou seis horas. No final, os índios deram sinais para que a equipe desocupasse a área e que regressasse com mais terçados, machados, anzóis, facas e cachorros.

### QUEM SÃO ESTES ÍNDIOS DO COXODOÁ ?

Nos dois relatórios do S.P.I. de 1930 e 1942 a respeito dos índios do médio e baixo Cuniuã consta que o Riozinho era habitado por um grupo de índios MARIMÃ (Relatório de Inspetor, Inspetoria no Amazonas e Acre, 1930, Museu do Índio, Rio de Janeiro, e o relatório do S.P.I., referente ao exercício de 1943. Museu do Índio, R.J.) Moradores de mais de 40 anos de vida nesta área perto do Riozinho dizem que o antigo nome deste rio era Riozinho dos Marimãs ou Riozinho dos Maimãs.

José Gama Malcher, no seu livro "Índios de Integração na Comunidade Nacional" (Ministério de Agricultura CNPI, nº 1, R.J., 1964) fala sobre os Marimã dando informações imprecisas que localizam essa tribo na região do Riozinho, afluente do Cuniuã.

Joseph Beal Steere, em 1875, descreve uma maloca de índios Jamamadi no rio Marmoriã com as mesmas características estruturais que as dos índios do Riozinho (Tribos do Purus, Sociologia, Museu Paulista, p.73).

Alfred Metreaux em Tribes of the Juruã-Purus Basins (Handbook of South American Indians) diz que as casas cônicas dos índios Jamamadi e dos índios Tucun-Dyapã (Mangeroma) eram das maiores conhecidas na América do Sul. Porém, existe uma contradição entre as descrições de Steere e Ehrenreich. Steere descreve duas estruturas diferentes de casa dos Jamamadi na mesma época, a forma cônica e a forma de colmo, que os KANAMATI de São Francisco, perto de Lábrea, no rio Curiã, ainda hoje usam. Ehrenreich, na mesma época, descreve uma "baié-ouiyobé" dos Jamamadi em forma de colmo (Revista do Museu Paulista, N.S., Vol. II, pp 102).

Metreaux, que classifica os Tucun-Dyapã entre as tribos Katukina, no rio Javarré, diz que construíram suas malocas tipo cônico. Apresentamos a fita gravada a um dos últimos KATUKINA do Igarapé Coatã, Cuniuã, ao Ângelo Katukina que hoje reside em Canutama e ainda fala bem sua gíria. Todavia não entendeu nada (poderia ser que os Katukina do Cuniuã não pertencessem ao grupo lingüístico KATUKINA, mas sim ao grupo PANO...).

Os índios do Coxodoã sabem algumas palavras em Deni como bari-machado, sarasara-terçado, mazé-cachorro. Conhecem a palavra chinã. Presentearam o grupo com um feixe de folhas de tabaco de rapê.

Pela lógica os índios do Coxodoã deveriam pertencer ao grupo lingüístico arauak, pois estão numa região habitada por Deni, Jamamadi, Jarauara, Apurinã e Paumari. Mas pode ser um grupo de Pano ou Naua que avançou pelo Juruã, utilizando as cabeceiras e se metendo como uma cunha no meio de outras nações indígenas.

### GUERREIROS FORTES

Os índios são de média estatura, bem nutridos, musculosos e de pele bronzeada. No lóbulo perfurado usam um pauzinho. O rosto é bem traçado e mostra um semblante de inteligência e alegria. O tuxaua é um homem idoso e calmo e dominava a situação de contato. Ficou sentado um pouco fora do acampamento, observando e dando recados. Parece que havia ainda um jovem sub-tuxaua que comandava as provas de coragem.

Portam o cabelo curto, cortado em forma de cuia e caindo para frente, deixando a testa livre. Ao lado, o cabelo cai por cima de uma segunda camada mais curta de uns três centímetros, formando uma espécie de coroa. O corte dos cabelos atrás vai até a altura dos lóbulos.

Não usavam enfeites a não ser um diadema de tecelagem fina de envira, medindo uns três centímetros de largura, que depois foi presenteado a um dos membros da equipe. O diadema é sentado na cabeça como uma coroa. Como roupa usam um cordão de cipó ou de envira para segurar o pênis, sobre o qual caem as vezes franjas tingidas de vermelho. O corpo todo é pintado de urucum e genipapo, evitando assim a praga de insetos. Ficaram admirados dos dentes dos brancos, pois em geral apresentam dentaduras estragadas com falhas de dentes. mediram-se em força e insistiram em manejar arco e flecha.

#### ARTISTAS EM CONSTRUÇÕES, TECELAGEM E CERÂMICA

A maloca dos índios está dentro de um pomar de bananas, pupunha e abacaxi. Em frente há uma praça limpa e, ao redor da maloca encontram-se cestos e panelas inutilizados, canteiros de sementes e mudinhas de plantas. As malocas são de forma cônica e enorme. A primeira mede 25 metros de diâmetro e uns 20 metros de altura. Parece a casa ser um teto enorme, sentado num círculo de pequenos postes de um metro e meio. Esta abertura formada pelo círculo representa porta e janela. O teto é formado de uma estrutura de grandes travessas de madeira que se apóiam no círculo e não no chão. As folhas da cobertura são entrançadas e sobrepostas de baixo para cima, formando assim um colmo. Havia um círculo interno como suporte para o teto e servindo de repartições ou celas, talvez destinadas à habitação das famílias, onde se viu vários lugares de fogo. O centro é vazio e sem postes centrais.

Encontram-se vários objetos de tecelagem como cestos, cestinhos, pedaços de tapete e outros tipos, cuja utilidade não era conhecida.

A cerâmica é muito desenvolvida. Viu-se uma variedade de panelas, vasos, potes de todos os tamanhos, feitos de uma camada fina de barro liso. Não há ornamentações neles. Um panela estavam tampadas com uma folha branca parecida com couro curtido.

Constroem pontes por cima de paus enormes, verdadeiras pinguelas. Varas fortes são encaixadas na madeira e ligadas entre si com envira. Ao lado há varinhas fincadas no chão para se apoiar e equilibrar.

#### EXÍMIOS AGRICULTORES

Os índios do Coxodoã são bons agricultores. Os membros da equipe andaram mais que uma hora na roça da primeira maloca, depois de terem passado por várias capoeiras velhas. O que mais surpreendeu foram as bananeiras, exibindo seus cachos enormes. Existe tanta fartura que uns cachos estavam apodrecendo no pé. Ao redor da maloca ergue-se um enorme pupunhal. Havia grandes plantações de macaxeira, mandioca, milho, cana-de-açúcar. Em suas excursões devem ter adquirido machados e terçados de madeira que sabem usá-los para aumentar suas plantações. Não resta dúvida que são totalmente autosuficientes em termos de economia e sobrevivência. Parece que têm consciência disso, evitando todo contato com intrusos civilizados que apesar de sua técnica elevada passam fome e morrem na miséria.

#### EXCELENTE SISTEMA DE AUTO-DEFESA

A história destes índios deve ser muito dofrida, pois encontram-se num paraíso quase inacessível. Construíram suas malocas em terra firme, cortada do resto do mundo por várzeas alagadas, por igapós e paranás. Os próprios braços do igarapé Pretão confundem os invasores. O varadouro só é bem feito perto da primeira maloca. A beira do igarapé é mais andada por exploradores sorveiros do que pelos próprios índios, que com leves cortes ou quebradas indicam a rápida presença de caçada ou pescada. Observam o avanço do "progresso", escutam o barulho de moto-serras e a queda de árvores no Riozinho, espiam os motores arrastando jangadas de madeira. Não se mostram. Às vezes, sorveiros encontram fogos apagados ou rastros de pés nas praias. E é só. A não ser que estejam invadindo a área deles perto da maloca. Aí tornam-se índios guerreiros valentes, desarmando os intrusos. Metem medo, utilizando toda arte de sacanagem e brincadeiras, expulsando-os inexoravelmente. De certo a experiência os ensinou. Homem branco não deve ser mais que peste e doença, morte e fome. Devem conhecer o efeito de armas de fogo, pois têm raiva delas. A primeira coisa que fazem é desarmar e jogar a arma.

#### BR-230 AMEAÇA ÍNDIOS DO COXODOÃ

Vários sorveiros falaram de uma grande estrada no meio da selva, cortando o alto Cuniuã. Ninguém quis acreditar em "tais maravilhas". Mas consultando o mapa, vê-se o traçado desastroso da BR-230, continuação da Transamazônica Lábrea-Benjamin Constant. Conforme os depoimentos dos sorveiros, a BR-230 então está em plena construção, pelo menos em certos trechos, habitados por comunidades indígenas. Esta mesma estrada atravessa também a área dos índios Jamamadi, cujo projeto de demarcação da área fora encaminhado à presidência da FUNAI há quase dois anos.

FRACASSO DO S.P.I. EM 1930 NA DEMARCAÇÃO DE ÁREAS INDÍGENAS NOS RIOS

CUNIUÁ E TAPAUÁ

Uma expedição do S.P.I. da jurisdição dos postos Tuini e Servini, chefiada pelo auxiliar Santana Barros, o engenheiro agrônomo Admar Thury e o fotógrafo Anastácio Queiroz, realizada entre 18 de março e 24 de abril de 1930, teve por objetivo fiscalizar a ação dos delegados do baixo rio Purus e demarcar as áreas indígenas. Visitaram a tribo Mamori, no rio Canaã e no Paranã Mamori, afluentes do rio Cuniuá extensão entre o Riozinho e o Coxodoá, onde foi feito um recenseamento de 65 índios (22 homens, 21 mulheres, 22 crianças, inclusive uma Katukina, uma Jamamadi e uma Marimã). Para demarcação foi proposta a seguinte área: os lotes onde estão localizados seus roçados e malocas, sendo: o igarapé do Mamori à margem esquerda do rio Cuniuá e o Paranã Mamori, onde está situada a maloca velha à margem direita do rio Cuniuá.

Depois fizeram visita à tribo dos Katukina, no rio Canaã e Coatã, num total de 51 pessoas, tendo esta tribo sofrido vários surtos de gripe em 1922, 23 e 24, que aliás se tinham alastrado por toda parte dos rios Cuniuá e Tapauá (entre os Aradeni, Mamori, Katukina, Marimã e Paumari). A proposta para a demarcação da área indígena: ao longo do rio Coatã, onde residem os índios Katukina.

Enfim chegaram à tribo dos Paumari, localizada no lago Tamanduá, no rio Tapauá onde deixaram anotado como terras pertencentes aos índios: os lotes denominados Tamanduá, no rio Tapauá, com limites naturais à margem direita do baixo rio Tapauá. Assaí, situado no lago Assaí, à margem direita do baixo rio Cuniuá.

O relatório desta expedição (relatório do Inspetor, Inspetoria no Amazonas e Acre em 1930 e 31, arquivado no Museu do Índio, R. de Janeiro) conclui assim:

"Não nos foi possível proceder às demarcações das terras ocupadas pelos índios das tribos que visitamos, porque achando-se elas alagadas pela enchente, o auxiliar Admar Thury viu-se impossibilitado de agir neste sentido".

Localizaram as seguintes tribos nos rios Cuniuá e Tapauá:

- .Paumari: no baixo rio Tapauá e rio Purus até a foz do Ituxi;
- .Mamori: no médio rio Cuniuá;
- .Katukina: no rio Coatã, afluente do rio Cuniuá;
- .Marimã: no Riozinho, afluente do Cuniuá;
- .Tucumandubas: no baixo rio Canaã, afluente do rio Cuniuá;
- .Araçadairi: nos rios Coxodoá e Aroá, afluente do rio Cuniuá;
- .Juma: nos rios Piranhas e Içua, afluente do Piranhas;
- .Kanamadi: nos rios Curiá e Içua, afluentes do rio Piranhas;
- .Jamamadi: nos rios Banauá, rio Branco e Joari;
- .Jarauara: nos rios Apituá, Curiá, afluentes do Catahixi, que é confluente do Purus.

RIO CUNIUÁ, A MAIOR ÁREA INDÍGENA DO PURUS :

MAIS DE 1000 ÍNDIOS

Segundo o relatório do S.P.I. de 1942, os rios Tapauá e Cuniuá eram uns dos mais interessantes que havia em toda a vasta bacia do Purus, porque em seus afluentes havia um sem número de tribos indígenas: "Assim é que no rio Cuniuá vivem os Katukina, Mamori, Pauquiri, Tucumanduba, Beidamã, no rio Piranhas os Jamamadi, Kanamadi, Jarauara, no rio Curiá os Jamamadi e Araçadaini, no Riozinho os Marimã, formando talvez a maior população indígena do rio Purus num total de mais de 1000 almas".

Diz o referido relatório que muitos dos Mamori, perseguidos pelos Katukina, mudaram-se para as cabeceiras dos rios Ipixuna, Mucum e Jacaré. Esta versão corrobora a um fato que a equipe de contatação dos índios arredios do Coxodoá presenciou em outubro de 1978. Encontraram no Caroço, na casa do Sr. Carlos, um peruano, uma índia Valdira, filha de índios Mamori e Paumari. Contou ela que sua mãe e tio sofreram de um ataque feito pelos índios Katukina entre 1940 e 50, sendo muitos Mamori mortos. Os Katukina moravam em Firmino, umas duas horas de rabeta de Caroço, e os Mamori em Moco, quatro horas de viagem. Sua mãe que agora morava no rio Piranhas ainda falava sua "gíria" e sabia contar a história. Depois em Moco, verificou-se o fato: os expedicionários subiram no lugar para identificar alguma coisa a respeito dos Mamori. Uma moradora disse que ainda havia muitas capoeiras velhas e cacos de panelas no mato. Indicou o caminho para um cemitério onde se contou ainda sete túmulos com paus por cima da terra.

Exmo. Sr.

PRESIDENTE DA FUNAI

Cel. João Carlos Nobre da Veiga

NESTA

Brasília, 30 de junho de 1980

Sr. Presidente,

no dia 17 de abril de 1980, o Regional Norte I do CIMI encaminhou à essa presidência ofício protocolado sob nº 1313/80, solicitando a imediata interdição e demarcação da área dos Índios do "Coxodoá", localizada entre o igarapé Pretão e o rio Riozinho, na região do Médio rio Purus, Estado do Amazonas.

Uma equipe de missionários estabeleceu o contato com 40 guerreiros, de aspecto sadio, a 8 de maio último, verificando então na área habitada pela comunidade grandes lavouras, o que nos faz supor a existência de um grupo mais numeroso.

Até a presente data nenhuma medida foi tomada no sentido de garantir a sobrevivência física e cultural deste povo. Torna-se urgente tomar as providências cabíveis, pelo fato destes Índios se encontrarem cercados por sorveiros, os quais já tentaram por mais de uma vez penetrar na área, rica em sorva e outros produtos de extração como a castanha, a se ringa etc., e pela implantação iminente do trecho Lábrea-Benjamim Constant da Rodovia Tranzamazônica (BR-230).

Caso a FUNAI não tome providências urgentes para enfrentar o problema, estará contribuindo com sua omissão para o genocídio deste povo como o correu ao longo da Tranzamazônica com os Parakanã, atualmente dizimados, e com os Kren-Akarore ao longo da Cuiabá-Santarém, violentamente contatados. Ambos estes povos se encontram hoje dizimados por doenças de todos os tipos provocadas pelo contato indiscriminado.

Responsabilizamos o órgão oficial pelas conseqüências que advirão sobre este povo caso a FUNAI não tome todas as medidas necessárias para a proteção do grupo indígena do "Coxodoá".

D. José Gomes

Presidente do CIMI